



REDACÇÃO PRINCIPAL —
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da União Operária Nacional

EDITOR — **JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL

End. telegr. Talha — Lisboa • Telefone: 7

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A questão vidreira

Tem-se ocupado *A Batalha*, em vários artigos, dum assunto que não pode deixar de merecer toda a sua atenção e que noutro país que não este, onde os governantes, com a incompetência que os caracteriza, só se preocupam em defender apaixonadamente os interesses da burguesia, já teria dado motivo a uma enérgica intervenção junto do grupo de indivíduos que no caso tem representado o mais odioso papel.

Referimo-nos à importação de algumas dezenas de operários espanhóis, recentemente contratados em França para virem trabalhar para uma fábrica de garrafas do Porto, contrato fechado pela empresa dessa fábrica, que explora simultaneamente, a da Amora, também de garrafas.

Haverá talvez uns nove meses que a direcção da referida empresa pretende cercar ao pessoal da fábrica da Amora algumas das regalias materiais conquistadas por esse pessoal. Para esse efeito escolheu ela precisamente uma ocasião péssima: o momento em que a vida era mais difícil para os trabalhadores, porquanto, mercê da carestia de todos os géneros, rara era então a corporação operária que se não movimentava no intuito de conseguir elevar o salário. Ante os damnhos propósitos daquela empresa, o pessoal da fábrica da Amora opôs-se terminantemente, não permitindo que lhe extorquíssem a mínima parcela do seu esforço, atitude esta que se em qualquer ocasião era perfeitamente legítima, naquela o era dobradamente.

E' claro que a empresa, em face da resistência que encontrou da parte dos seus assalariados, desde logo pensou na vingança, e essa vingança punha-a em prática pouco depois, encerrando a fábrica, na esperança de que, lançando mão deste recurso, conseguiria levar de vencida o seu plano, pósto que calculava que aqueles operários não poderiam manter-se inactivos durante muitos

dias e que a breve trecho se renderiam para aceitar então todas as condições que quizesse impor-lhes.

Tam indigno expediente não foi, porém, coroado de êxito, porquanto o pessoal, ainda que à custa de grandes sacrifícios, soube manter uma resistência digna de nota.

Convencida de que não ganharia ainda a partida, tratou a empresa de activar, no Porto, a construção duma nova fábrica, há pouco concluída. Procurando arranjar no país pessoal para essa fábrica, não logrou encontrar operários que se prestassem a traír os vidreiros da Amora, motivo por que fez afixar recentemente nesta localidade as condições de admissão de pessoal, condições idênticas às que pretendia impor há nove meses, e que novamente foram repelidas.

Convencida finalmente de que não recrutaria pessoal em Portugal para qualquer das fábricas, pósto que a classe vidreira do país está solidarizada com aqueles camaradas, graças à acção desenvolvida pela Associação dos Vidreiros da Amora, acção valiosamente secundada, no país e no estrangeiro, pela U. O. N., por intermédio das suas duas secções, não hesitou a empresa em ir ao estrangeiro contractar pessoal, pessoal ao qual oferece salários muito mais elevados que aqueles que auferiam os operários portugueses.

Contra este singular caso só um jornal, além de *A Batalha*, se manifestou até hoje: *A Manhã*, pela pena do sr. Norberto Araújo. Toda a outra imprensa se tem conservado num mutismo completo, parecendo que se trata do caso mais banal deste mundo. Por seu turno, os actuais e anteriores governantes — apesar de constantemente andarem tocando a desafinada tecla do patriotismo — não manifestaram a sua repulsa pela atitude dos industriais da empresa de garrafas, e certamente porque no caso andam metidos capitalistas e a sua afeição por eles é, como se tem visto, superior a quaisquer outras considerações.

A situação na Rússia

Um depoimento insuspeito

Os jornais norte-americanos *New York e Chicago Daily News* mandaram à Rússia um correspondente, o sr. Isaac Don Levine, que se tornou conhecido pelos seus ataques à Rússia bolchevista. Pois é dele a seguinte carta, que julgamos interessante reproduzir, apesar de ser já um pouco velha:

«Moscóvia, 19 de Maio. — Não há de ordem, nem em Petrogrado, nem em Moscóvia, não há caos na Rússia soviética. Nunca, desde o seu advento, foi o governo dos Soviéticos mais forte do que hoje. Nunca, na história da Rússia moderna, teve um governo mais autoridade efectiva que o presente sistema soviético. Ao entrar na Rússia soviética, fica-se impressionado com o facto que, seja o que for o bolchevismo, a desordem é que ele não é.

Depois de ter passado algum tempo dentro das fronteiras da República comunista, fica uma pessoa surpreendida ante a situação aqui, pois é absolutamente o contrário do que os americanos imaginam. Não há desordem; há mesmo demasiada ordem. Andar-se mais seguro pelas ruas de Petrogrado e de Moscóvia do que em Chicago ou em Nova-York. Imaginem o que sucederia em Chicago, de noite, se as ruas não fossem iluminadas nem policiadas. Pois em Moscóvia não há polícias e, por causa da falta de carvão, as ruas estavam escuras. Entretanto, podiam atravessar-se as ruas depois da meia noite com perfeita segurança.

Antes de vir à Rússia, tinham-me dito que o governo soviético estava cambaleante e em breve cairia. Os jornais publicam aqui os radiogramas enviados de Paris para a América: são absolutamente contrários dos factos, e mesmo as pessoas mais violentamente opostas aos bolcheviques não podem achar aqui que comprove tais asserções. Pelo contrário, numerosos sinais mostram que o governo dos Soviéticos se fortaleceu consideravelmente nos últimos meses.

Depois dos recentes êxitos do almirante Koltchak, as massas ergueram-se para sustentar o governo soviético. O bloqueio dos Aliados exasperou todas as classes da sociedade e reforçou o auxílio prestado ao governo.

As condições dos Aliados à Alemanha são consideradas aqui por toda a gente como injustas. O fim da França e Inglaterra é desmembrarem a Rússia,

reduzindo-a à escravidão. O resultado de tudo isto foi dar a cem milhões de russos a firme resolução de lutar pela defesa do seu país e do seu governo. Na Rússia soviética, não há um homem válido que não prefira morrer a capitular. A mobilização prossegue em toda a parte com menos desordem do que nos Estados Unidos.

Durante certo tempo foi o governo dos Soviéticos dominado por uma minoria que se apossara das rédeas do poder, mas esse tempo passou. Mesmo um observador cego veria rapidamente aqui que o governo dos Soviéticos tem a seu favor a maioria formidável da nação.

O problema alimentar em Petrogrado e Moscóvia é gravíssimo. Estender-se à América uma mão prestável às populações famintas e mandará mercadorias e gêneros alimentícios à Rússia? Andam em todas as bocas estas perguntas. O povo quer a paz. O governo declarou também que deseja a paz com todos e está pronto a fazer concessões aos Aliados. O povo não quer outra coisa senão deixar o resto do mundo em paz, contanto que em paz o deixem a ele também. Luta pela paz na Rússia e não pela Revolução social na Europa ocidental.

Isaac Don Levine
(Chicago Daily News, 31 de Maio)

Pró-ÁVANTE

Grupo Dramático e Musical Solidária da Construção Civil

Este grupo, que tem uma comissão nomeada para levar a efeito um passeio de confraternização com os operários de Almada, no dia 14, do próximo mês de Setembro, passará este que será seguido dum *pic-nic* na mata do Alentejo e *matiné* no teatro Taborada da Cova da Piedade, participa a todos os camaradas que já estão em negociações para fretar um vapor que fará o transporte dos excursionistas o que espera ser ajudado por todos os operários que desejam que reapareça o órgão operário *Avante!*, pois que 50 000 da receita líquida deste passeio reverterá em auxílio do intemerato defensor de todos os oprimidos.

EM ESPANHA

Choque de combóios

MADRID, 18. — Para os lados de S. Vicente houve um choque entre dois combóios tramways, do que resultou ficarem feridas 16 pessoas, algumas delas gravemente. — H.

NOTAS & COMENTÁRIOS Um apelo de Anatole France aos professores

Ir às hortas

Homem perdido não quer conselhos. E, verificando um homem pela milésima vez, chegou o sábado, que a receita lhe não dá para a despesa, e que a fatalidade o persegue sem tréguas, vá de descorçoar, deixando que a alma lhe comece em fermentações azedas. Pago o padeiro e paga a tenda, o que fica, sendo muito em papel, é quase nada em valor. De maneiras que agarra um homem em si e na família e vai, certo domingo, espaiar-se nas hortas ou azevedo. O que se chama hortas vem a ser os subúrbios de Lisboa, localidades que foram pitorescas e onde hoje o cunho rural se vai perdendo. Há lá em troca uns refreios que apanhavam se aninhavam, tendo «Alto aqui» a porta, e bom vinho, segundo assegurava a legenda da taboleta, com a adjacente menção de que os petiscos são apetecíveis e de que os preços decorrem numa convidativa modicidade. Vai um homem e entra, rebocando após si a família recosa por instinto. E depois de escutada a crónica gastronómica, aliás curta, que o criado debita em taqu沿海, opta o concílio familiar por mandar vir a petisqueira que, entre as várias aludidas, mais barata pareceu à economia doméstica do grupo. Vem as pescadinhas fritas.

«Umas azeitoninhas, meu freguês?»

«Pois vem as azeitonas: dezasseis olivas mais épocas ainda na inspurcada imensidade do pires. — Deite-me aqui mais dois nesta garrafa! — E ao fim, após ter cada qual polido o prato à custa das derradeiras buchas, se batem palmas para pedir contas. Surge então um facínora de avental, e de lápis na direita, com a adição de parcelas fantásticas, perfura a boa digestão do mau petisco que a desprezável família consumira. Sai-se de lá com fome e sem dinheiro, um amargo na boca, um vazio no estômago e na alma — e na bolsa, que é o que mais punge. Um roubo, vamos lá. Um roubo a que seria preciso pôr um dique, se não fora preferível eximir-se a gente a ele, não frequentando as casas dos respeitáveis comerciantes dos arredores lisboetas. Aquela história da taboleta «Alto aqui» está incompleta. Deve ler-se a seguir: «Ou a bolsa ou a vida.»

Uma entrevista

Viu uma jornalista do país vizinho a Portugal, e celebrou entrevistas com certas individualidades políticas, entrevistas que saíram em letra redonda no *Heraldo de Madrid*, tendo sido transcritas algumas por um periódico cá do burgo. Pois acabamos de ler uma dessas entrevistas, onde o actual ministro do comércio se permite afirmar que o povo português não tem fome! Tem extranha declaração atira um indivíduo para o mais profundo estupor, nem mesmo o caso é para menos. De acordo que s. ex. e todas as criaturas que, como ele, disfrutam de uma situação mais ou menos privilegiada, não tenham fome. Mas ir à afirmação de que o povo também não a tem, nesta ocasião em que se sucedem as greves de aumento de salário, quando de inúmeros pontos do país se enviam ao poder central, atíffissimos pedidos de gêneros de primeira necessidade, quando a mais pungente miséria se estadeia por esses bairros populares, lá nos parece arrojado demasiado! Ficarão, decerto, os governos de todos os outros países, um pouco invejosos da admirável situação económica de Portugal, neste momento em que por todo o mundo, desde o império do Sol-Nascente às terras selvagens da Gália, a carestia da vida, levada ao máximo, faz balancear inquietadoramente a actual ordem social. Ora, pois...

A Beleza...

Como quer que no domingo passado fizesse muito calor, pegou na pena um cronista falho de assunto, e desandou a traçar uma história sobre o esbodegamento às vezes transparente. Chegando a certa altura, exclama o literato apressivo:

Se, ad absurdum, o bolchevismo triunfasse, — oh! U. O. N. universal! — o que seria da beleza de amanhã?

De onde se segue que, na opinião do esbodegado cronista, a arte e a beleza são cousas adstritas à exploração do homem pelo homem, à miséria, à iniquidade, à prostituição e às outras be-las instituições, cuja existência caracteriza as sociedades hodiernas. Pósto ao girar social um novo eixo, bem capaz seria a selvajaria dos homens do futuro de destruir por exemplo o bairro imundo da Alfama, as vielas sem luz, os pardiões lóbregos, e várias outras embasbacantes obras de arte que o regime burguês tem ciosamente conservado. Ora o diabo é o cronista esbodegado. O calor tinha a faculdade de dilatar os corpos dizem-no os compêndios de física. O que nós não sabíamos é que ele tinha ainda a virtude de fomentear, em certos, a asneira. Se o cronista, chegando que seja o inverno, não muda de ideias, bem pode limpar as mãos à parede.

Os progressos da radiotelegrafia

A mais poderosa estação de todo o mundo

PARIS, 17. — O *Excelsior* dá os detalhes sobre a nova instalação do pósto de T. S. F. de Croix de Hins, perto de Bordeaux. Diz que será a estação mais poderosa do mundo. Será cinco vezes mais forte que a Torre Eiffel, três vezes e meia do que a de Lyon e duas vezes mais do que a de Nauen. As ondas alcançarão 20-000 quilómetros, tocando em todos os pontos do globo. O pósto poderá transmitir 72-000 palavras diariamente. Deve estar pronto dentro de seis meses. — H.

“Para a reorganização do ensino primário contai sómente convosco”

No congresso dos Sindicatos de professores, que se inaugurou em Tours no dia 8 deste mês, Anatole France, o autor do *Lys Rouge*, proferiu as grandiosas palavras que seguem e que traduzimos do *L'Humanité* chegada ontem a Lisboa:

Cidadãos, caros camaradas: E' um velho amigo que volta para junto de vós. Estava a vossa lado, com o Grande Jaurès, em 1906, quando principiastes a luta pelo direito sindical. Ganho esse direito, compete-vos regular o seu uso, e é esse o motivo porque os vossos sindicatos se reúnem.

Este Congresso tem ainda outro fim, dum importância capital: a reorganização do ensino primário.

Para o realizar, contai sómente convosco. E' o conselho da prudência. E' com uma verdadeira alegria que conheci ontem, num jornal, o que pensa sobre isto o nosso amigo Glay:

«A guerra, disse ele, mostrou claramente que a educação popular de amanhã deve ser completamente diferente da de outrora.»

Tinha pensado de vos abrir o meu coração: vejo que os vossos me correspondem.

Professores, professores, caros amigos, é com uma ardente emoção que me dirijo a vós e é trémulo de inquietação e de esperança que vos falo. E' como não estar comovido, ao pensar que o futuro está nas vossas mãos e que ele será, para a grande maioria, o resultado do vosso espírito e dos vossos cuidados?

Formando a criança, determinareis os tempos futuros. Que tarefa na hora em que estamos, nesta grande derrocada de coisas, quando as velhas sociedades abatem sob o peso das suas faltas e quando vencedores e vencidos se abismam lado a lado numa miséria comum, trocando olhares de ódio!

Na desordem social e moral criada pela guerra e consagrada pela paz que a seguiu, tendes tudo que fazer e que reconstituir.

Levantai a coragem, elevai o espírito!

E' uma humanidade nova que deveis criar, são inteligências que deveis despertar, se não quereis que a Europa caia na imbecilidade e na barbárie.

Hão-de-vos dizer: «Para que serve tanto esforço? O homem não muda». Não! Mudou desde a idade das cavernas, ora melhor, ora pior, muda com os meios e é a educação que o transforma tanto ou mais, talvez, que o ar e o alimento.

Sim, certamente, não se pode deixar subsistir um momento sequer, a educação que tornou possível, que favoreceu (sendo quasi a mesma em todos os povos que se chamavam civilizados) a horrível catástrofe sob a qual estamos ainda meio submersos.

Em primeiro lugar, é preciso banir da escola tudo o que possa fazer amar a guerra pelas crianças, e apenas isto, exigirá longos e constantes esforços, se todas as panópias não são, num dia próximo, arrancadas pela rajada da revolução universal. Na nossa burguesia, grande e pequena, e até no nosso proletariado, os instintos destruidores, juntamente assados aos alemães, são cuidadosamente cultivados.

Há alguns dias, a encantadora, La Fouchardière pediu numa livraria livros para uma pequenita. Apenas lhe apresentaram descrições e pinturas de mortes, chacinhas, massacres e exterminações. No próximo carnaval ver-se-á em Paris, nos Campos Elísios e nos boulevards, milhares e milhares de rapazes, vestidos, pelo cuidado inepto das mães, de generais e marechais.

O cinema mostrar-lhes há as belezas da guerra: serão assim preparadas para o ofício militar: e enquanto houver soldados, haverá guerras e os vossos diplomatas deixaram o fermento nos alemães para a poderem manter entre vós! Vão assim desde o bérço preparar militares!

Meus amigos, é preciso acabar com estas hábitos perigosos. O professor deve fazer com que a criança ame a paz e os seus trabalhos, ensinar-lhe há a detestar a guerra. Banirá do ensino tudo o que excita o ódio pelo estrangeiro, mesmo o ódio pelo inimigo de ontem; não que se deva ser indulgente para o crime e absolver todos os culpados; mas, porque um povo, qualquer que ele seja, seja em que hora for, é formado por mais vítimas do que criminosos, porque se não deve executar o castigo dos maus sobre as gerações inocentes e porque, enfim, todos os povos tem muito que perdoar uns aos outros.

Num belo livro que acaba de sair, e cuja leitura vos aconselho, *Les maîtres de la parole*, um ensaio de educação sem dogma, Miguel Corday, pronunciou estas palavras belas, que eu cito para auxiliar as minhas: «Odeio aquele que deprime o homem ao nível da besta, obrigando-o a atirar-se a quem não se lhe assemelha.»

Oh! Esse! desejo com todas as minhas forças a sua desaparecimento da superfície da terra. Só sinto ódio pelo ódio!

Meus amigos, tornai odiado o ódio! E' o mais necessário da vossa tarefa e o mais simples: o estado em que uma guerra devastadora colocou a França e o mundo inteiro, impõe-vos deveres duma extrema complexidade e por conseguinte mais difíceis de cumprir. Perdoe-me a repetição: é o grande ponto donde tudo depende. Deveis, sem esperança de auxílio e de apoio, nem mesmo consentimento, mudar completamente o ensino primário, a fim de formar trabalhadores. Hoje, na nossa sociedade, só há lugar para os trabalhadores, e o resto será arrastado na tormenta. Formai trabalhadores inteligentes, instruídos nas artes que executam, sabendo o que devem à comunidade nacional e à comunidade humana.

Queimai! queimai todos os livros que ensinam o ódio! Exaltai o trabalho e o amor! Formai homens conscientes, capazes de calcar aos pés os vãos esplendores das glórias bárbaras e de resistir às ambições sanguinárias dos nacionalismos e dos imperialismos que lhes assassinarão os pais.

Jámais rivalidades industriais, jámais guerras: o trabalho e a paz!

Quer queiram ou não, chegou a hora de ser cidadão do mundo ou de morrer toda a civilização.

Meus amigos, permitam-me formular, um voto bem ardente, que tenho que exprimir dum forma muito rápida e muito incompleta, mas, cuja ideia básica parece de natureza a penetrar todos os espíritos generosos. Desejo!

Desejo de todo o meu coração que bem depressa, a Internacional operária, se venha juntar a delegação dos professores de todas as nações para preparar em comum um ensino universal e tratar dos meios de semear em todas as jovens inteligências as ideias donde saíra a paz do mundo e a união dos povos.

Razão, sabedoria, inteligência, forças do espírito e do coração, vós, que eu sempre piedosamente invoquei, vinde a mim, sustentai a minha fraca voz, transportai-se ao possível for e espalhai-a por toda a parte onde se encontrarem homens de boa vontade para ouvir a Verdade benéfica!

Nasceu uma nova ordem de coisas. As potências do mal morrem envenenadas pelo próprio crime. Os cupidos e os cruéis, os devoradores de povos recitavam uma indigestão de sangue. No entanto duramente atingidos pela falta de senhores cegos ou sclerados; mutilados, dizimados, os operários ficam de pé: vão-se unir para formar um único proletariado universal e veremos realizar-se a grande profecia socialista: «A união dos trabalhadores fará a paz do mundo».

O Livro Vermelho do Terror Branco

As atrocidades de Dénikin
23:000 fuzilamentos num só ponto!

Continuemos dando a palavra ao deputado inglês coronel Wedgwood, que disse, na sessão parlamentar a que já nos referimos num número anterior, mais o seguinte:

«Passemos agora aos outros aliados vossos. Há o general Dénikin, que comanda na Rússia Meridional. Estamos mandando uma expedição a Sebastopol para ajudar este novo governo. Acho que Dénikin ainda não foi reconhecido, mas se-lo há antes de muito tempo, especialmente se se compreenderem em que condições e de que modo ele faz a guerra.

«Um influente político branco — isto é igualmente tirado do *New Statesman* — avalia o número dos operários executados, durante a ocupação de Rostov por Dénikin, em vinte e três mil.

«Pode-se afirmar com segurança que, se os brancos tomam uma cidade vermelha, haverá cem execuções por cada uma que se dá, se uma cidade branca é tomada pelos vermelhos.

«Em Ekaterimovsk, Dénikin ordenou o fuzilamento imediato de todo aquele que fosse encontrado de posse de quaisquer publicações vermelhas.

«Em Batsk, no distrito do Don, todo aquele que tivesse um filho na guarda vermelha era espingardado.

«Num lugar, foi fuzilado um em cada dez homens de trabalho, como exemplo para os outros. Os chefes brancos consideram a dizimação literal das classes trabalhadoras como um preliminar absolutamente necessário do estabelecimento de qualquer forma de governo na Rússia».

A estes factos podemos juntar o morticínio da legião russa que tinha combatido em França ao lado dos Aliados e que estes enviaram depois a Dénikin. A legião revoltou-se, recusando combater contra os vermelhos: pois foi cercada pelos voluntários de Dénikin e trucidada até ao último homem!

Nem se pode alegar, para tentar justificar ou atenuar o terror branco, que foram os vermelhos quem começaram. Não foram eles.

E' um facto reconhecido que, quando foi da revolução de Novembro de 1917, os adversários do governo bolchevista não foram inquietados: os jornais burgueses continuaram a aparecer e os mais violentos inimigos do bolchevismo circulavam livremente.

Foi só depois das tentativas contrarrevolucionárias da burguesia, foi só diante do perigo exterior e interior, que os revolucionários lançaram mão de medidas extremas.

EM FRANÇA

Uma campanha contra a vida cara

As responsabilidades a quem tocam

As organizações operárias francesas iniciaram uma intensa agitação contra a carestia da vida, instituindo comissões de vigilância por toda a parte e tomando resoluções várias no sentido de debelar a crise, de combater directamente a especulação, descobrindo-a e pondo-a a nu, e de reclamar medidas para esse fim.

A imprensa operária e socialista demonstra com factos a futilidade e a má-fé da acusação lançada contra os movimentos grevistas, aos quais os traficantes e especuladores atribuem a culpa da alta dos preços ou pelo menos da continuação da crise, do mesmo modo que o gatuno perseguido é o primeiro a gritar: «Agarra! agarra! ladrão!»

Dizem eles que as greves, fruto aliás da incapacidade, revelada pelo regime, de atenuar ou curar o mal, impedem a reorganização e intensificação da produção e contribuem pela elevação dos salários para a alta do custo da vida.

Ainda que assim fosse, as greves não são apenas da responsabilidade dos operários. Muito maior quinlão de responsabilidade cabe ao capricho autoritário e à teimosia patronal, que recusam atender as mais moderadas e justas reclamações dos salarizados, mesmo à custa dos maiores prejuízos. A esse capricho, a um pretensão prestígio da autoridade patronal ou política, a mesquinhas interesses de grupos, oligarquias ou classes, à cupidiz de quem não renuncia a menor parcela de ganho, são facilmente sacrificados os interesses gerais do povo, os interesses superiores da produção.

Tamamha é a cegueira, a opinião anticipada contra os operários, que por vezes assume formas grotescas. Em França, acaba de se dar nesta luta contra a carestia um episódio típico. E' o caso que o sr. Henrique Roy, comissário geral dos abastecimentos, explicando no *Petit Parisien* a crise da carne, atribuiu a sua persistência à falta de entradas de carne congelada por causa da greve dos trabalhadores do porto do Havre. Eram, pois, os próprios operários os culpados do mal.

Com a pressa de acusar, o alto funcionário tinha-se esquecido apenas de verificar que não se tratava duma greve, mas dum *lock-out* declarado pelos patrões. Muito mais: os operários *lock-out*ados tinham-se pósto logo à disposição da Intendência para que o abastecimento não fosse prejudicado, proposta que fora aceita. O alto funcionário ignorava tudo isto e dera aquela formidável culpa.

Máximo Gorky

Há tempos o telegrafo disse-nos que Máximo Gorky, o grande novelista, rebucador de detalhes da psicologia slava, morrera. Foi a triste notícia acolhida como verdadeira e por esse mundo não foram poucos os jornais da guarda-avancada que consagraram colunas a tão lamentável successo. Breve, porém, se averiguou que Gorky não só estava de perfeita saúde, mas ainda fora nomeado pelo conselho de operários e soldados para gerir o comissariado do povo. Pois agora, novas cousas nos dizem os periódicos chamados de *grande informação* acerca dessa glória da literatura universal, inserindo um despacho telegráfico da Basileia onde se afirma que foi preso por um revolucionário russo.

Atentas as falsidades que as agências burguesas, espalhadas por essa Europa, torçam sobre a situação russa, duvidamos muito da veracidade do suspeito informe, não nos admirando que daqui a pouco de sciência certa se saiba que Máximo Gorky não foi preso pelos seus correligionários, continuando à frente do Comissariado do Povo para a Instrução Pública na sua missão de espalhar a instrução por entre as multidões moscovitas, na maior parte imersas pelo esarismo na mais absoluta ignorância, ignorância que, aliás não as impedi de ter a intuição dos seus direitos.

U. S. O. de Lisboa

Conferência pró-presos por questões sociais

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, na Calçada do Combro, 33-A, sede da U. S. O. de Lisboa, uma conferência subordinada ao tema «presos por questões sociais», sendo conferente o dr. Soal de Campos, advogado do Conselho Jurídico da U. O. N.

Convida-se o operariado em geral a assistir a esta sessão.

NA AUSTRIA

Outra restauração?

BERLIM, 17. — O *Berliner Tageblatt* diz que o conde Karolyi declarou em Carlsbad que nos centros da corte austriaca se projectou pôr no trono o arquiduque Ottilio, filho do ex-imperador Carlos. — H.

A ROMENIA E OS ALIADOS

PARIS, 17. — As notícias oficiais recebidas de Budapest dizem que reina boa harmonia entre as autoridades militares romenas e a missão dos aliados. — H.

PRAGA, 17. — Por ordem do governo a testa de ponte de Presburg foi ocupada na manhã de 15 do corrente pelos tcheco-eslovacos. — H.

OS “BOLXEVISTAS,” E OS JUDEUS

Indiscutivelmente o *Jornal da Tarde* está fadado para ser albergue dos mais distantes acerca da Revolução Russa. Ontem, saía-se-nos com um artigo do sr. João de Alpaíns, que pelo estilo até parece da autoria do sr. Esquiva, que nessas colunas também tem guardada, acerca das matanças de judeus na Ukrania e atribuindo-lhe monstruosidade aos bolchevistas. Ora bom é que saiba o sr. Alpaíns que nunca os judeus russos gozaram de tanta segurança como desde o advento do regime soviético, não sendo poucos os que fazem parte dos conselhos de operários e soldados. Tal facto, tem originado vivos ataques da imprensa ultramontana de vários países — e nela incluímos o órgão do clericalismo português — à Revolução Russa e à influência que nela tem os judeus, interpretando tal facto como uma ameaça ao credo religioso que defende. Na realidade, tem-se feito na Ukrania e Polónia horríveis massacres de judeus, mas eles são unicamente da responsabilidade dos nacionalistas polacos e do governo ucraniano presidido por Gregorief, que, combatendo Dénikin e os bolchevistas, permite às suas tropas que saqueiem constantemente a fertilíssima região das terras negras da Pequena Rússia. Que de vez fique esclarecido o sr. Alpaíns é o que desejamos, não insistindo em ataques deste género ao bolchevismo. E o *Jornal da Tarde*, os nossos sentimentos, pelos colaboradores que arranjam para versar a momentosa questão russa, colaboradores que lhe estão a estragar os créditos...

No ex-império dos Habsburgo

A Hungria ocidental ameaçada pela fome

PARIS, 17. — Renner pede aos aliados para impedirem a ocupação da Hungria ocidental alemã pelas tropas magiares e tropas romenas porque ameaçam o país de fome e pede também que a Austria alemã seja autorizada a intervir para manter a ordem. — H.

A missão americana de Viena, descontente

PARIS, 17. — Um telegrama de Viena diz que os jornais reproduzem o boato de que a missão americana em Viena recebeu ordem para deixar a capital em resultado do descontentamento causado nos americanos pela situação actual das negociações da paz. A missão só voltará a Viena depois da ratificação do tratado pelo senado americano. — H.

Trabalhadores lide e propagat

A BATALHA

58

